

AFONSO
CRUZ

O QUE A CHAMA
iluminou



COMPANHIA DAS LETRAS



GEOGRAFIAS CHILE

INTRODUÇÃO

Tempo é luto

Começa aqui uma viagem sobre o fim, nas múltiplas formas de que ele se reveste e como se impõe. Tudo acaba a todo o instante, ou, como escreveu Wisława Szymborska, «quando pronuncio a palavra Futuro, / a primeira sílaba já pertence ao passado»¹; do mesmo modo que existe uma natalidade² presente em todas as coisas, um recomeço constante, assim o surgimento de algo novo implica perda, deixar de ser o que era. E, no meio dessa perda, da transformação em nada face ao tudo, para usar a formulação de Pascal³, há sempre um nascimento. Essa simultaneidade é inerente a todos os fenómenos. O tempo é luto, pois empurra constantemente com uma mão — para um passado inacessível — tudo o que foi criado, mas é também celebração, na medida em que cria com a outra. Trata-se de dois movimentos, mas apenas na aparência: analisados atentamente, reduzem-se a um fenómeno. Por isso, encontramos sempre uma forma de contradição quando pensamos nesta coreografia de dois rostos: por vezes, a perda imensurável, outras, a surpresa da criação e metamorfose; por vezes, estamos perante o abismo da extinção, outras, a contemplar um campo de girassóis ou a ouvir a voz de Chavela Vargas cantar os dois beijos que leva

na alma: *«el último de mi madre y el primero que te di»*. Morte e vida, o último e o primeiro. Se neste livro pretendo falar do fim, dele será sempre indissociável o início. Há ainda uma terceira face, que tantas vezes passa despercebida, porque emerge em diferentes manifestações: a transformação do mundo em narrativa, em representação, em memória, em arte, em algo que, não sendo a própria coisa, é a sua dimensão depurada ou destilada.

No estamos en guerra

Cheguei a Santiago, capital do Chile, no início do Outono, durante a fase mais conturbada dos protestos de 2019. Era noite, havia recolher obrigatório, encontrando-se, por isso, as ruas mais ou menos vazias, algumas delas em muito mau estado, com buracos e as pedras do pavimento reviradas, pedaços de ferro ou betão espalhados, postes partidos, carros partidos, montras partidas, múpis partidos. Tudo o que via confirmava os avisos de amigos chilenos para que não fosse ao Chile naquela altura. As ruas estavam um caos, cheias de buracos, era difícil circular. As viagens com buracos, lugares onde podemos tropeçar, sempre me fascinaram, e considero que o valor da viagem depende também, ou sobretudo, desses buracos, das surpresas que nos são impostas no caminho. Ao contrário das viagens planas — que são isso mesmo, planas —, não acabam engavetadas num armário qualquer das nossas memórias, cheio de nafalina, corroboradas apenas por um monte de fotografias que ninguém quer ver e que é a única maneira de preservar a memória de viagens insossas e defendê-la das traças, da corrosão, uma recordação morna de um tempo morno, incomparável aos acontecimentos que jamais precisarão

de naftalina, pois a sua espessura é tal, que nos assoberba e abraça, nos pontapeia e, se puder, nos esfaqueia, deixando as suas cicatrizes. Por vezes, também literais, como é este o caso.

Fiquei alojado num pequeno apartamento no centro. Ouviam-se helicópteros a sobrevoar a cidade, algumas sereias. Ao olhar pela janela, vi um grande mocho pousado no telhado do prédio em frente, solene e pétreo, intocado pelo caos das ruas e pela presença dos helicópteros, e a sua estranha imagem, recortada como um aviso mitológico, encarando uma espécie qualquer de tragédia, com a sua presença que furava a noite e a condensava na sua figura, compeliu-me a pegar na câmara fotográfica e tentar uma fotografia fadada ao insucesso, pela distância, escassez de luz e falta de objetiva que pudesse captar aquele momento com toda a carga cénica que transportava.



A presença daquele mocho revestia-se duma dimensão profunda, a concretização da noite animalizada numa testemunha mais ou menos sinistra, manifestando a constante iminência da morte, cuja proximidade haveria de ser mais do que evidente durante toda essa viagem.

No dia seguinte, apercebi-me de um cheiro que se derramava pela cidade, omnipresente, e não dei logo conta do que significava.

Durante o dia, a capital era varrida por uma agitação permanente, grupos que fugiam da Polícia, das balas de borracha e do gás que empestava tudo.

«*No estamos en guerra*» era a frase de ordem. Via-se escrita em todo o lado, ouvia-se em todo o lado, contrariando o ambiente que se sentia nas ruas. «*No estamos en guerra.*»

Repetia-se.

«*No estamos en guerra.*»

A insistência nesta frase tinha razões históricas: depois do golpe de Estado de 11 de Setembro de 1973, que derrubou o Governo democraticamente eleito de Salvador Allende, o general Augusto Pinochet cometeu um sem-número de atrocidades, escudado na ideia de que o país estava em guerra, criando, por exemplo, a missão chamada «Caravana da Morte», uma operação militar comandada pelo general Sergio Arellano Stark, que percorreu várias cidades do país para acelerar a execução de prisioneiros políticos (dezenas de pessoas foram submetidas a julgamentos sumários, torturadas e executadas, transformando este episódio num símbolo da violência do regime de Pinochet). Por esse motivo, e para

que não se repetissem episódios idênticos aos da ditadura, o povo negava agora essa condição, o que não haveria de ser suficiente para impedir inúmeras formas de violência, tortura e mortes.



«No estamos en guerra»

Mudar de camarote no *Titanic*

Alguns dias depois da minha chegada, almocei com R., um amigo editor e livreiro de origem mexicana que está radicado no Chile há vários anos. Contou-me que sempre se gabara, junto dos seus conterrâneos, da vida tranquila que levava em Santiago. Já não se podia gabar dessa tranquilidade e, uns dias antes, enquanto conversava ao telefone com um amigo mexicano sobre o assunto, haveria de ouvir a seguinte



Isto é um lama da Patagónia, chamado guanaco. Quando se sentem desconfortáveis ou ameaçados, os guanacos cospem saliva, misturada com sucos gástricos, na cara de quem estiver à sua frente



Estes tanques blindados também são apelidados de guanacos, pois cospem gás lacrimogéneo para cima de quem se atravessar à sua frente

frase: «Mudar de país na América Latina é como mudar de camarote no *Titanic*.»

Quando saímos do restaurante, numa grande avenida vazia, com quatro faixas separadas por um passeio ajardinado (ou mal ajardinado), dois guanacos que se encontravam do outro lado começaram, sem qualquer motivo, a disparar gás contra nós, cegando-nos momentaneamente, quebrando a tépida monotonia de início de tarde e a lassidão pós-almoço. O ataque injustificado tomou-nos de surpresa, e hesitámos em que sentido seguir, sem saber se deveríamos voltar para trás ou continuar em frente. Com os olhos e a cara a arderem, optámos por correr na direcção oposta à que seguíamos, o que se revelou uma péssima escolha, pois era precisamente para onde estavam virados os guanacos. Os *carabineros* inverteram o sentido da marcha para a faixa mais próxima

de nós, num espaço em que a avenida permitia a manobra, e aproximaram-se, parando a escassos dois ou três metros — havia apenas, entre nós e eles, a distância que o passeio permitia —, e os jactos de gás atingiram-nos directamente na cara, queimando-a. Sem conseguirmos ver quase nada, corremos para trás dum quiosque e depois para uma rua perpendicular à avenida, por onde seguimos a cambalear. Era uma rua larga, também deserta, de sentido único. Quando recuperámos um pouco da visão, os blindados tinham dado a volta ao quarteirão, numa perseguição evidente, e estavam agora à nossa frente, avançando para nós. Olhámos para todos os lados. Não havia outra rua, nem maneira de escapar. Ou continuávamos na sua direcção ou voltávamos para trás e seríamos obviamente apanhados em poucos segundos. Nenhuma das possibilidades era solução, estávamos encurralados, e sem saber porquê. Os *carabineros* não se teriam dado a todo aquele trabalho apenas para nos verem chorar por causa do gás e nos darem umas traulitadas; não podia ser apenas um grupo de arruaceiros fardados que se entretinham a provocar lágrimas nos rostos de quem se cruzava com eles, tinha de haver algo mais por detrás daquela perseguição. Fosse o que fosse, ali estávamos nós, vacilantes, a ver os guanacos avançarem na nossa direcção, fazendo-nos sentir como animais selvagens apanhados numa armadilha.

O que a chama iluminou

Santiago do Chile, Setembro de 2019. Num beco escuro, encurralados por dois blindados conduzidos por *carabineros*, dois vultos temem pela vida. Um deles é Afonso Cruz.

Punta Arenas, Outubro de 2019. Um jipe em contramão embate num carro a caminho do Museu de História Natural. Afonso Cruz é um dos passageiros.

A partir de uma viagem atribulada ao Chile, Afonso Cruz escreve sobre a eminência do fim, pessoal (também o seu) e colectivo, daí resultando esta novela-ensaio, reflexão terna e desapiedada sobre o fim das coisas: o fim do mundo, nas suas mais variadas versões; o deserto de Atacama, onde as mulheres continuam a revolver a areia em busca de partes do corpo dos maridos e dos filhos, vítimas da ditadura de Pinochet; o fim das tribos indígenas, das línguas; o planeta que se afunda; vidas trocadas por botões; o pó de onde todos viemos e a que todos regressaremos... Mas, numa nota de esperança e como uma vela na escuridão, Afonso Cruz lembra-nos, parafraseando Saint-Exupéry, que não é a cera que fica, mas o que a chama iluminou.



COMPANHIA DAS LETRAS

«Como uma clarabóia, o céu do deserto de Atacama é uma janela especialmente translúcida para o Cosmos. Que se vê, então, através de todos aqueles telescópios dos observatórios do deserto? Vê-se o passado. É o lugar da Terra de onde se vê mais passado. É fascinante olhar para as estrelas e ficar a saber o que se passou milhares de milhões de anos antes. tocar um passado absurdo com o olhar. Muitas das estrelas que vemos já não existem. Existem para nós, que as observamos, mas são, na verdade, um passado tenaz, resistente ao tempo, que se imiscui no presente como se não fosse pretérito há milhões de anos. Se alguma civilização noutra planeta pudesse observar-nos através de um poderosíssimo telescópio, ver-nos-ia daqui a milhões de anos a ser o que somos agora. A distância é uma forma de eternidade, caso o Universo seja infinito: todas as histórias serão contadas enquanto houver luz para as transportar.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897876554



9 789897 876554 >